



famaque cum domino fugit ab urbe suo:
aspectos da fama na poesia de exílio de Ovídio¹

Andreas N. Michalopoulos

Resumo:

Através de sua poesia pré-exílio, Ovídio revela grande interesse em *Fama/fama* em todos os seus significados e funções: reputação pessoal, fama literária, tradição literária e mitológica, rumor, boato. Ovídio é obcecado por sua própria reputação como poeta, enquanto também emprega *Fama/fama* como fonte de inspiração e como fonte de informação numa ampla variedade de temas e tópicos. Seu grande interesse em *Fama/fama* culmina em sua famosa descrição de seu domicílio no livro XII das *Metamorfoses*. O objetivo deste artigo é discutir o uso e o papel de *Fama/fama* na poesia do exílio de Ovídio, escrita num momento em que as circunstâncias da vida do poeta mudaram dramaticamente. O poeta se encontra em arredores bárbaros e incivilizados, longe da linda e confortável vida da capital. A discussão dos poemas selecionados dos *Tristia* e das *Epistulae ex Ponto* ilustrarão de forma promissória a relação de Ovídio com a *Fama/fama*.

Palavras-chave: Ovídio; *Fama*; poesia de exílio

Abstract:

Throughout his pre-exilic poetry Ovid shows a keen interest in *Fama/fama* in all its meanings and functions: personal reputation, literary fame, literary and mythological tradition, rumour, hearsay. Ovid is obsessed with his own reputation as a poet, while he also employs *Fama/fama* as a source of inspiration and as a source of information on a wide variety of themes and topics. His great interest in *Fama/fama* culminates in his famous description of her abode in the 12th book of the *Metamorphoses*. The object of this paper is to discuss the use and the role of *Fama/fama* in Ovid's exilic poetry, written at a time when the circumstances of the poet's life changed dramatically. The poet finds himself in barbaric and uncivilized surroundings, away from the beautiful and comfortable life of the capital. The discussion of selected poems from the *Tristia* and the *Epistulae ex Ponto* will hopefully illustrate Ovid's relationship with *Fama/fama*.

Keywords: Ovid; *Fama*; exile poetry

¹ Conferência originalmente intitulada “*famaque cum domino fugit ab urbe suo: aspects of fama in Ovid's exilic poetry*”, proferida pelo Prof. Dr. Andreas N. Michalopoulos, em 13 de julho de 2015, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em evento promovido pelo Programa de Estudos em Representações da Antiguidade (PROAERA-UFRJ) e pelo Laboratório Ousia (OUSIA-UFRJ). Tradução de Artur Bezerra, Marina Albuquerque e Vanessa do Carmo Abreu.

Ao longo de sua poesia pré-exílio, Ovídio mostra um grande interesse pela *fama* em todos os seus significados e funções: a reputação pessoal (boa ou má), fama, glória, fama literária, tradição literária (e mitológica), opinião pública, rumor, fofocas, boatos. Seu grande interesse pela *Fama/fama* culmina em sua famosa descrição de sua casa no livro 12 de *Metamorfoses* (39-63). O objeto deste artigo é discutir o uso e o papel da *fama* na poesia de exílio de Ovídio, escrita em um momento em que as circunstâncias da vida do poeta mudaram dramaticamente. Obviamente, eu concordo com a maioria dos estudiosos de que o exílio de Ovídio foi real e não uma ficção, não uma invenção do poeta.

Eu discutirei quais aspectos da *fama* Ovídio trata em sua poesia de exílio, qual é o contexto em que aparece e por que razões ele a discute em seus poemas de Tomos. Selecionei algumas elegias como estudos de caso e as classifiquei nas seguintes categorias:

1. *Fama* como reputação e fama; e
2. *Fama* como notícia, rumor, boato.

1. Fama como reputação e fama

A) Fama perpétua

Eu começo com a elegia *Tr.* 3,7, em que Ovídio proclama orgulhosamente sua independência do poder político e a superioridade de sua poesia sob o poder de Augusto (45-52): *en ego, cum caream patria vobisque domoque, / raptaque sint, adimi quae potuere mihi, / ingenio tamen ipse meo comitorque fruorque: / Caesar in hoc potuit iuris habere nihil. / quilibet hanc saevo vitam mihi finiat ense, / me tamen extincto fama superstes erit, / dumque suis victrix septem de montibus orbem / prospiciet domitum Martia Roma, legar.* [Pois bem, embora me falte a pátria, vós e o lar, / E me seja tirado tudo que arrebatá-lo se pôde, / Do meu engenho sou acompanhado e faço uso. / César contra isso nenhum poder teve. / Seja quem me ponha fim à vida com seva espada, / Depois de minha morte, todavia, **restará a fama**, / Enquanto a vencedora, de suas colinas, todo o orbe / Contemplar, a Roma de Marte, lido serei.]²

O conflito entre poesia e poder político é um tema que sustenta a poesia de exílio de

² Tradução de Patrícia Prata (2007).

Ovídio e contribuiu de forma significativa para a sua emergência como um ícone de liderança da resistência dos artistas contra regimes autoritários e totalitários. Apesar de ter perdido tudo (lar, família e amigos), Ovídio ainda tem o seu *ingenium*, contra o qual César não tem jurisdição ou o que quer que seja, e que o acompanha em seu exílio (*ingenio comitor*) e lhe oferece prazer (*ingenio fruor*). Intimamente ligada a isso está a questão da imortalidade poética, da fama e reputação do poeta (50): *me tamen extincto fama superstes erit*. Vejamos mais atentamente as características e propriedades desta *fama*:

1) É independente da presença física do poeta. A morte biológica de Ovídio não implicará a morte de sua *fama*; sua *fama* sobrevive, como se fosse uma criatura viva, e continua a viver por muito tempo após a morte do poeta. Isto é claramente ilustrado no verso 50, em que a morte de Ovídio e a sobrevivência de sua *fama* são justapostas nos dois hemistíquios. Ovídio retorna a essa ideia na elegia final de sua poesia de exílio, orgulhosamente afirmando que a reputação poética de fato cresce após a morte do poeta (*Pont. 4.16.2f.*): *non solet ingeniis summa nocere dies, / famaque post cineres maior venit*. [O dia supremo não costuma prejudicar o gênio, / e a fama cresce depois das cinzas.]³

2) A *fama* de Ovídio é eterna, dura tanto quanto Roma durará e Roma – não esqueçamos – é a "cidade eterna" (*urbs aeterna*). Neste caso Ovídio habilmente explora a seu favor a relação entre poder político e poesia. Embora ele tenha acabado de declarar a independência do seu *ingenium* em relação ao poder político, agora a perpetuação da dominação política e militar de Roma – a "cidade de Marte" (*Martia*) – vai garantir a perpetuação de sua própria *fama*. A obra de Ovídio será objeto de visualização e leitura enquanto a Roma personificada estiver, do alto das sete colinas, observando o mundo que conquistou e subjugou. Desnecessário dizer, a realidade superou as expectativas de Ovídio (como a de Horácio em *Carm. 3,30*). Sua *fama* sobreviveu à dominação militar romana. Como Hardie (2002, p. 240) coloca: “*fama* é o produto duradouro dos ingredientes verbais do poeta”.

3) Apesar de sua coexistência com a Roma eterna, a *fama* de Ovídio de forma alguma é ligada a façanhas militares, como é a *fama* de heróis épicos ou generais romanos. Sua *fama* é a *fama* literária que ele ganhou graças ao seu *ingenium*. É uma questão intelectual associada à leitura (*legar*). Nas palavras de Philip Hardie, “a continuação da existência do homem morto é o produto de uma colaboração entre o texto do morto e a voz do leitor vivente”. Sem dúvida [o trecho] *me tamen extincto fama superstes erit* (*Tr. 3.7.50*) de Ovídio ecoa inconfundivelmente

³ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

sua declaração orgulhosa no epílogo das *Metamorfoses* (15.876f.): *quaque patet domitis Romana potentia terris, / ore legar populi*. [Por onde quer que o poder romano se manifeste por terras subjugadas, / serei acolhido pela boca do povo.]⁴

B) Fama no tempo do exílio

Ovídio abre o quarto livro dos *Tristia* com uma *captatio benevolentiae* e um pedido de desculpas aos seus leitores, os juízes de sua poesia, pela má qualidade e os defeitos que possam encontrar em seus poemas de exílio (*Tr.* 4.1.1-4.): *siqua meis fuerint, ut erunt, vitiosa libellis, / excusata suo tempore, lector, habe. / exul eram, requiesque mihi, non fama petita est, / mens intenta suis ne foret usque malis*. [Se houver alguns defeitos, e haverá, em meus livros, / Tem-nos por justificados, ó leitor, pelo seu momento! / Estava exilado e alento, **não fama procurei** / Para o espírito não se voltar sempre a seus males.]⁵

Deixando de lado a questão de saber se Ovídio realmente acredita que sua poesia de exílio é de baixa qualidade – claramente ele não acredita –, minha atenção se concentra em sua justificativa para essa queda de qualidade. Ovídio atribui isso ao fato de que agora, em seu lugar de exílio, ele só escreve para se distrair das dificuldades que sofre. Doravante, seu objetivo é *requies* (“paz, consolo”), e não *fama* – fama, claro, como “fama literária”, a reputação que um escritor ganha através de seu trabalho.

Ovídio aqui revela o estímulo de sua atividade literária anterior: obter glória. *Fama* é a motivação e o objetivo perseguido por um escritor. Em circunstâncias normais, isso seria o intento de Ovídio, o qual ele poderia realizar graças à alta qualidade de seus poemas. No entanto, uma vez que as condições em Tomos não lhe permitem atingir seu objetivo principal, ou seja, *fama*, paz e consolo tornam-se um objetivo alternativo, um verdadeiro “prêmio de consolação”. Ovídio diferencia o *requies* e a *fama* como metas de escrita literária, enquanto ele ainda dá a impressão de que os considera como mutuamente excludentes. Por isso, a reputação literária como meta para um autor requer esforço, é incompatível com a paz e tranquilidade, e não pode ser buscada no exílio, longe de Roma.

Além disso, Ovídio sente que sua *fama* e sua imortalidade pessoal já foram garantidas por sua carreira literária anterior, como é óbvio desde o epílogo das *Metamorfoses* (15, 871-8); portanto, agora em Tomos, ele não se sente obrigado ou ansioso para buscar *fama*. Cf. *Ov. Tr.*

⁴ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

⁵ Tradução de Patrícia Prata (2007).

4.10.121f., em que Ovídio é grato à Musa por lhe conceder nome sublime enquanto ainda vivo, o que é uma coisa rara: *tu mihi, quod rarum est, vivo sublime dedisti nomen, ab exequiis quod dare fama solet*. [Tu me deste enquanto eu estava vivo – o que é raro – um nome sublime, que a fama costuma dar nos funerais.]⁶

O repúdio à *fama* como motivação para escrever poesia no exílio marca especialmente os livros posteriores que Ovídio escreveu em Tomos. Isso poderia provavelmente ser atribuído à decepção do poeta por seu exílio prolongado e à percepção de que o que ele esperava que seria temporário já se transformara em uma situação permanente da qual ele não pode escapar. A Elegia 5.12, um dos últimos poemas do quinto livro dos *Tristia* e de toda a coleção, aproxima-se de muitas maneiras da elegia apologética anterior de Ovídio sobre a má qualidade de sua poesia e as aspirações que ele agora tem de sua arte, estando no exílio. Em um tom confessional e bastante sério, Ovídio relembra seu passado glorioso como poeta em Roma e o compara com o seu presente desolador em Tomos. Ele levanta mais uma vez a questão da *fama* no sentido de “fama”, “glória”, “reputação” e “bom nome”. Ele confessa a um amigo anônimo que, quando as circunstâncias de sua vida eram felizes, ele costumava buscar glória e louvor ao compor poesia; no entanto, agora, no exílio, ele não somente não procura por glória, mas mudou completamente sua atitude e preferia ser totalmente desconhecido, se isso fosse possível (*Tr.* 5.12.37-42): *denique non parvas animo dat gloria vires, / et fecunda facit pectora laudis amor. / nominis et famae quondam fulgore trahebar, / dum tulit antemnas aura secunda meas. / non adeo est bene nun cut sit mihi gloria curae: / si liceat, nulli cognitus esse velim*. [Enfim, não poucas forças dá a glória ao espírito, / E fecunda torna a alma o desejo de louvor. / Outrora era atraído pelo brilho do renome e da fama, / Enquanto conduziu meu mastro uma brisa benfazeja. Agora nada vai tão bem, que deva me preocupar com a glória: / Se fosse possível, gostaria que ninguém me conhecesse.]⁷

Esta é uma inversão impressionante para um poeta tão afeiçoado a seu *ingenium*, que ansiava pela fama tanto durante sua vida como após sua morte. Para Ovídio, *fama*, que ele associa intimamente com *gloria*, é um incentivo e uma meta para um autor. A linguagem que ele usa é notável. Ele escreve sobre o *amor laudis*, o *fulgor nominis et famae*, e fala sobre a atração do mundo brilhante da *fama*. Ele fala, por assim dizer, sobre o brilho enganoso de vaidade dentro de uma metáfora bem estabelecida, a representação da vida ou da composição

⁶ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

⁷ Tradução de Patrícia Prata (2007).

de uma obra literária como um barco que viaja em um vento favorável. Ovídio busca reconhecimento através de sua *fama* como um grande poeta. A *fama* como uma recompensa e um prêmio para a criação artística é uma força motriz, que pode motivar alguém a escrever mais. No entanto, depois de tantos anos em Tomos, longe da capital vibrante, Ovídio agora aparece relutante em jogar o jogo por mais tempo e acusa a celebridade; na verdade, ele acusa a *fama* em si, ao declarar que não está de maneira alguma interessado em *gloria* (sinônimo de *fama* neste contexto).

A tendência de rejeitar a *fama* como uma meta de composição poética, que apareceu pela primeira vez nos últimos dois livros dos *Tristia*, é confirmada e reforçada nas *Epistulae ex Ponto*. Um caso mais sintomático é a última carta do terceiro livro (*Pont.* 3.9), dirigida a Brutus, em que Ovídio trata de questões de poética. Ele reconhece que sua poesia de exílio é monótona e repetitiva (1-12); no entanto, ele considera que é inútil corrigir seus escritos na terra bárbara dos Getas (13-32). Na poesia de exílio de Ovídio, Tomos é retratada como um ambiente inóspito, frio e hostil, com habitantes bárbaros e não civilizados, sob ameaça constante de ataques inimigos. Esta é, no entanto, parte da estratégia do poeta, pois, ao que parece, a realidade era bem diferente.

Seu trabalho é triste, escreve Ovídio, porque *ele* está triste (33-44). Além disso, ele já não visa à fama para si e para seu trabalho. O mais importante agora para Ovídio é o seu próprio bem-estar, e por isso ele pede a compreensão de seus leitores (45f.): *non fuit hoc tanti, confesso ignoscite, docti! / vilior est operis fama salute mea*. [Perdoai a mim que confesso, sábios, não foi tão importante! / **A reputação de minha obra tem menos valor do que minha salvação.**]⁸ Esta elegia, e com ela todo o terceiro livro das *Epistulae* se encerra em um tom similar (55f.): *da veniam scriptis, quorum non gloria nobis / causa, sed utilitas officiumque fuit*. [Aprova os meus escritos, por causa dos quais não tivemos glórias, / mas utilidade e dever.]⁹

O poeta declara que desistiu da busca de fama através de sua poesia e que sua arte agora desempenha um papel puramente utilitário, tanto para si (pedido de retorno ou transferência para um lugar mais perto de Roma) quanto para os destinatários de seus poemas (declaração de homenagem e devoção a eles). Não é fácil determinar se Ovídio está sendo sincero aqui. Esta atitude pode ser atribuída à desilusão causada por sua

⁸ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

⁹ Idem.

permanência prolongada em Tomos e pela ausência de quaisquer sinais positivos de que o imperador pudesse mudar de ideia.

C) ganhando fama graças ao poeta

Ovídio abre o terceiro livro das *Epistulae ex Ponto* com uma elegia dedicada à sua fiel esposa em Roma, exortando-a a continuar buscando seu retorno do exílio e a pleiteá-lo junto à esposa do imperador. O poeta pede a ela que se prove uma esposa leal e digna, tal qual ele a retratou em seus poemas (*Pont.* 3.1.43-8): *magna tibi inposita est nostris persona libellis: / coniugis exemplum diceris esse bonae. / hanc cave degeneres, ut sint praeconia nostra / vera; vide **Famae** quod tuearis **opus**. / ut nihil ipse querar, tacito me **Fama** queretur, / quae debet fuerit ni tibi cura mei.* [Grande é o emprego a ti imposto por nossos livrinhos: / és considerada exemplo de boa esposa, / cuida para não deixares de corresponder a ela, de modo que nossos louvores sejam verdadeiros; / cuida de conservar **o trabalho da Fama**. / Embora eu mesmo nada lamente, se me calo **a Fama lamentará**, / o cuidado que tu deverias ter por mim.]¹⁰

Em essência, Ovídio escreve sobre a criação e a preservação da *fama* "reputação". Ele cria uma certa *fama* para sua esposa e seu trabalho torna-se o veículo de tal *fama*. É significativo o uso do verbo *diceris*, um *terminus technicus* mais adequado para *fama*, que se pensou ser derivada do verbo *fari* 'falar'. Em *Pont.* 2.9.3 (*fama loquax vestras si iam pervenit ad auris*) [Se a fama loquaz já chega aos vossos ouvidos]¹¹, Ovídio glosa a palavra *fama* com o modificador *loquax*, o que remete à etimologia *fama*<*fari*.

A esposa de Ovídio torna-se uma *persona* literária e um modelo para todas as esposas, uma Penélope moderna, por assim dizer. Com sua conduta e suas ações, ela deve mostrar que essa *fama* poética é indubitavelmente *vera* ("verdadeira"). Ao mesmo tempo, a *Fama* (personificada?) executou uma *opus*, que a esposa de Ovídio é obrigada a preservar. De certa forma, a *fama* também, como Ovídio, é mais uma criadora, mais uma artista. A esposa de Ovídio deve viver de acordo com essa *fama*, o bom nome que ela ganhou graças ao trabalho dele. *Fama*, a artista, defenderá o colega poeta e sua honra conjugal enquanto ele estiver afastado e calado (*tacitus*).

¹⁰ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

¹¹ Idem.

Mas e se a esposa de Ovídio falhar no cumprimento de seus deveres? Ovídio já tomou suas medidas para o caso de isso acontecer (3.1.57-66): *nec te nesciri patitur mea pagina, qua non / inferius Coa Bittide nomen habes. / quicquid ages igitur, scena spectabere magna / et pia non paucis testibus uxor eris. / crede mihi, quotiens laudaris carmine nostro, / qui legit has laudes, an mereare rogat. / utque favere reor plures virtutibus istis, / sic tua non paucae carpere facta volent. / quarum tu praesta ne livor dicere possit: / “Haec est pro miseri lenta salute viri”*. [Minha obra não permitirá que não sejas conhecida, tu que / não tens um nome inferior ao de Battis de Cós. / Então, o que quer que fizeres, serás observada num grande palco / e serás uma esposa honrada diante de muitas testemunhas. / Acredite em mim, todas as vezes em que fores elogiada em meus versos, / quem lê tais elogios, pergunta se os mereces. / E embora eu julgue que muitos aprovem essas virtudes, / assim não poucas desejarão censurar teus feitos. / Afiança que a inveja delas não possa dizer: / “Esta é insensível à salvação do pobre marido”].¹² A poesia não permite que a esposa do poeta permaneça desconhecida e anônima (*nec te nesciri patitur*, litotes). Ela lhe dá um *nomen* (um termo alternativo para fama no sentido de "reputação" e "fama") semelhante ao de Vittis de Filitas. A esposa de Ovídio se torna uma heroína literária. A poesia transforma-a em um objeto a ser observado (*spectabere*) em um grande palco por numerosos espectadores-testemunhas (*non paucis*, litotes) – como se estivesse estrelando uma peça. Tudo isso coloca maior responsabilidade sobre ela, e a *fama* que ela ganha graças à poesia de seu marido torna-se uma faca de dois gumes. Ela estará constantemente sob o escrutínio de gente invejosa que questionará se ela é realmente digna de sua reputação. Pior ainda, sua *fama* atrairá a inveja de outras mulheres, que tentarão maldizer (*carpere*) suas ações. Assim, ela deve se certificar de que seus *facta* estão em harmonia com sua *fama*.

Ovídio está ciente de que seu trabalho assegura fama perpétua para quem é ali mencionado; é por isso que ele deliberada e maliciosamente não cita o nome de um amigo infiel, a fim de lhe negar a chance de se tornar famoso (*fama*) graças à sua poesia (*Pont.* 4.3.1-4): *conquerar an taceam? Ponam sine nomine crimen / an notum qui sis omnibus esse velim? / nomine non utar, ne commendere querela, / quaeraturque tibi carmine fama meo*. [Eu me lamentarei ou me calarei? Exporei um crime sem nome / ou um conhecido se eu quiser que sejas conhecido por todos? / Não citarei o nome, para que não sejas marcado por uma acusação, / e que a fama não te persiga por causa de meus

¹² Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

versos.]¹³ Ovídio não nomeia os destinatários das cartas de *Tristia* para protegê-los do imperador. Augusto (*Tr.* 2) e Perilla (*Tr.* 3.7) são os únicos destinatários nomeados em *Tristia*. O poeta nem sequer nomeia a própria esposa. Por não nomearem seus destinatários, as cartas de Ovídio podem ter um impacto mais amplo ou parecem ser dirigidas a tipos de pessoas em geral (por exemplo, o amigo leal, o amigo infiel) e não a destinatários específicos. Ovídio muda de tática e nomeia os destinatários de suas cartas em *Epistulae ex Ponto*. Ovídio nomeia seus destinatários nas *Epistulae ex Ponto* como um meio de reunir-se com seus amigos no nível verbal e conceitual, e como uma prática consolatória; é como se seus amigos se tornassem mais presentes do que apenas em sua imaginação.

A importância da *fama* na obra de Ovídio, novamente relacionada à sua esposa, destaca-se em outra elegia, que tem peso poético especial por conta de sua posição, sendo a última elegia de toda a coleção *Tristia* (5,14). O poeta afirma com confiança que o seu trabalho é um *monumentum* que irá immortalizar tanto sua esposa, ali glorificada, quanto ele próprio. (*Tr.* 5.14.1-6): *quanta tibi dederim nostris monumenta libellis, / o mihi me coniunx carior, ipsa vides. / detrahat auctori multum fortuna licebit, / tu tamen ingenio clara ferere meo; / dumque legar, mecum pariter tua fama legetur, / nec potes in maestos omnis abire rogos.* [Que monumento te erigi em meus livrinhos, / Ó esposa a mim mais cara que eu mesmo, tu própria vês. / Poderá a fortuna muito arrebatrar ao autor, / Tu, entretanto, serás aclamada célebre pelo meu engenho, / E, enquanto for lido, junto comigo, ler-se-á teu renome, / Não podes ir toda para a triste pira fúnebre.]¹⁴. A promessa – que soa como uma certeza – de que a esposa de Ovídio se tornará *clara* (4) graças ao seu trabalho reflete um motivo bem conhecido da elegia de amor, só que agora apropriada ao amor conjugal e não ao caso de amor com uma amante elegíaca. Algumas linhas abaixo, o eco da elegia de amor soa mais alto quando Ovídio afirma que a reputação (o termo usado é '*nomen*') através de seus poemas é o melhor presente que ele poderia oferecer à sua mulher, mais precioso do que a riqueza material (*Tr.* 5.14.11-14): *non ego divitias dando tibi plura dedissem: / nil feret ad Manes divitis umbra suos. / perpetui fructum donavi nominis idque, / quo dare nil potui munere maius, habes.* [Eu não teria dado mais, dando-te riquezas: / Nada levará a sombra do rico a seus manes. / Dei-te de presente os frutos do **nome eterno** e este, / Dom maior não poderia te oferecer,

¹³ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

¹⁴ Tradução de Patrícia Prata (2007).

o tens.]¹⁵. Ele lembra sua esposa das mulheres mitológicas exemplares que se tornaram famosas pela devoção a seus maridos, como Penélope (35f.), Alceste (37), Andrômaca (37), Evadna (38) e Laodâmia (39f.), observando que, para ela, no entanto, a conquista da fama não é difícil, uma vez que pode ser alcançada mediante amor e fé, sem sofrimento ou morte (41f.): *morte nihil opus est pro me, sed amore fideque: / non ex difficili fama petenda tibi est*. [Não precisa morrer por mim, basta teu amor e fidelidade: Não deves procurar fama em provações.]¹⁶.

D) A morte da fama

A elegia 1.5 das *Epistulae ex Ponto* é uma carta em verso dirigida a Máximo, amigo de Ovídio. Ela contém queixas comuns do poeta sobre o declínio de sua arte, a má qualidade das suas obras no exílio e a dificuldade com que escreve agora (2-28); no entanto, Ovídio declara que, embora não escreva mais tão facilmente como costumava fazer, ele ainda escreve poesia porque não pode fazer outra coisa; este é seu único jeito de viver (29-52). Ovídio, por um lado, procura esquecer seus tormentos presentes através da poesia e isto é suficiente para ele (55f.: *consequor ex illis casus obliviam nostri: / hanc messem satis est si mea reddit humus*) [Através deles alcançarei os esquecimentos de nosso infortúnio: / esta colheita é suficiente se a minha terra produz.]¹⁷; por outro lado, seu amigo que vive em Roma tem razão em buscar a glória através de seus escritos, tal qual Ovídio fazia antes do exílio (57f.: *gloria vos acuat, vos, ut recitata probentur / carmina, Pieriis invigilate choris* [A glória vos anima, a vós, que os versos recitados / são reconhecidos, estai atentos aos coros da Piéria])¹⁸. Ovídio alega já não ter incentivo para escrever boa poesia por se encontrar agora entre os incivilizados Getas – assim ele diz – onde não existem juízes dignos de seu trabalho e ele pode ser o melhor dos poetas sem qualquer dificuldade. Cf. *Pont.* 4.2.35-8, em que Ovídio se queixa de que, em seu exílio, ele carece de um público culto e sofisticado; portanto, a *gloria* não age mais como um motivo, como um estímulo para ele: *excitat auditor studium laudataque virtus / crescit et inmensum gloria calcar habet. / hic mea cui recitem nisi flavis scripta Corallis / quasque alias gentes barbarus Hister habet?* [O ouvinte estimula o estudo e a virtude

¹⁵ Tradução de Patrícia Prata (2007).

¹⁶ Idem.

¹⁷ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

¹⁸ Idem.

louvada cresce / e a glória tem um imenso estímulo, / aqui a quem recitarei meus escritos a não ser aos corais amarelos / e a outros povos que o bárbaro Istro contém?]¹⁹

Simplesmente ostentar o título de "poeta" é suficiente num ambiente tão bárbaro, onde a elaboração e o zelo pela excelência poética não fazem sentido. A reputação poética é adquirida mediante competição com outros poetas, é o prêmio de uma competição contra outros artistas (*Pont.* 1.5.61-8): *cur ego sollicita poliam mea carmina cura? / an verear ne non approbet illa Getes? / forsitan audacter faciam, sed glorior Histrum / ingenio nullum maius habere meo. / hoc, ubi vivendum est, satis est, si consequor arvo, / inter inhumanos esse poeta Getas. / quo mihi diversum fama contendere in orbem? / quem fortuna dedit, Roma sit ille locus.* [Por que eu polirei meus versos com solícito cuidado? / Acaso recearei que os Getas não os aprovevem? / Talvez eu aja com audácia, mas eu me jacto por que o Istro não tem um engenho maior que o meu. / Aqui, onde devo viver, é suficiente se eu conseguir numa seara / ser poeta em meio aos desumanos Getas. / **Por que a fama se lança contra mim numa terra afastada?** / Que Roma seja o lugar que o destina me deu.]²⁰

O poeta frustrado parece ter aceitado seu duro destino. Ele não vê por que deveria tentar ganhar *fama* em Roma e ele está contente com sua reputação de poeta mais importante no país dos Getas. Sua desilusão é tão grande que ele até muda sua visão de *fama*. Finalizando sua carta, Ovídio escreve sobre o “funeral” de sua *fama* em Roma e sobre como sua *fama* fora exilada consigo (83-6): *sed neque pervenio scriptis mediocribus istuc / fama que cum domino fugit ab urbe suo, / vosque, quibus perii, tunc cum mea fama sepulta est, / nunc quoque de nostra morte tacere reor.* [Mas não chego com meus escritos medíocres nesse lugar / **e a fama fugiu** de sua cidade com o senhor, / e vós, para quem morri, então visto que **meu renome foi enterrado**, / agora penso que que vos calareis sobre minha morte também.]²¹ Esse é um notável desvio, que vai no sentido contrário à nossa familiar concepção de *fama* (e à de Ovídio) como permanente, sempre pairando e onipresente. Ovídio agora confina a fama apenas ao lugar em que ele está fisicamente presente. Sua reputação o segue em qualquer lugar que ele vá e lá permanece com ele. Como o banimento, para Ovídio, equivale à morte, sua *fama* está amarrada à morte com ele, apesar de suas declarações otimistas sobre a eternidade em outros lugares (e.g. *superstes erit, Tr.* 3.7.50).

¹⁹ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

2. Fama como notícia, boato, rumor

Para além do uso de *fama* como “reputação” e “fama”, outros usos do termo, que já aparecem na literatura mais antiga e em obras anteriores de Ovídio, são encontrados em sua poesia de exílio. É de especial importância o uso de *fama* como “notícia”, “boato”, “rumor”.

A) Destino: Tomos

O isolamento de Ovídio do mundo exterior em Tomos, nos extremos do mundo, é o tema dominante na sua poesia de exílio. Para um poeta que vivera no coração do império, ser banido foi um golpe devastador. A elegia *Tr.* 3.12 toca num ponto delicado sobre como as “notícias” chegam a Ovídio em seu local de exílio. Ovídio escreve sobre um dos poucos meios de comunicação com o mundo exterior que ainda lhe restou, os navios que raramente chegam ao porto de Tomos (*Tr.* 3.12.37-42): *rarus ab Italia tantum mare navita transit, / litora rarus in haec portibus orba venit. / sive tamen Graeca scierit, sive ille Latina / voce loqui – certe gratior huius erit – / quisquis is est, memori rumorem voce refert / et fieri famaeparsque gradusque potest.* [Raramente um navegante da Itália um mar tão vasto atravessa, / Raramente a este litoral privado de portos chega. / Se, todavia, saiba falar grego ou latim / – Esta língua certamente me será mais agradável – / Quem quer que seja, pode contar as novidades com voz memoriosa / E tornar-se uma parte e o instrumento dos boatos.]²² Diferentemente da *Fama* literária e personificada de Virgílio, voando sobre a terra e alcançando todos os seus cantos, na vida real de Ovídio, a *fama* como “notícia” chega até ele de barco e é transmitida por um marinheiro que assim se torna o agente da *fama* (*famaeparsque gradusque*, *Tr.* 3.12.44). Ou – em outras palavras – o marinheiro é, para Ovídio, a personificação da própria *Fama*, *mutatis mutandis*, claro. Sem dúvida, essa é uma divergência surpreendente da tradição literária.

As implicações para a qualidade das informações de Ovídio em Tomos são certamente enormes. A informação que ele consegue é rara (isso é enfatizado pelo duplo uso do adjetivo *rarus*, 37f.) e chega até ele apenas durante o período do ano em que a

²² Tradução de Patrícia Prata (2007).

navegação é possível, além do fato de o porto de Tomos não ser de forma alguma movimentado, muito pelo contrário (como evidenciado pelo modificador *orba*, 38). Inevitavelmente, as notícias de Roma chegam a Ovídio muito tarde, um fato que rende à sua poesia em Tomos um caráter ultrapassado e obsoleto. Cf. *Pont.* 3.4.59f. (*dum venit huc rumor properataque carmina fiunt / factaque eunt ad vos, annus abisse potest*) [Enquanto chega até aqui o rumor e os versos se apressam / e os feitos vêm até vós, um ano pode ter se passado]²³, em que Ovídio escreve que demora um ano para as notícias de Roma chegarem até ele e para a sua resposta chegar de volta a Roma. Cf. *Pont.* 4.11.9-16 (*nuntia nam luctus mihi nuper epistula uenit / lectaque cum lacrimis sunt tua damna meis. / Sed neque solari prudentem stultior ausim / uerbaque doctorum nota referre tibi, / finitumque tuum, si non ratione, dolorem / ipsa iam pridem suspicor esse mora. / Dum tua peruenit, dum littera nostra recurrens / tot maria ac terras permeat, annus abit*) [Então me chegou há pouco a carta com notícias sobre o luto / e as tuas perdas são ligas com minhas lágrimas. / Mas eu, mais tolo, nem ousaria consolar a um prudente / e te apresentam palavras conhecidas dos sábios, / o teu fim, se não a razão, e a dor / há muito suspeito serem demoradas. / Enquanto a tua carta chega, enquanto a minha volta / atravessando tantos mares e terras, um ano se passou.]²⁴, em que Ovídio escreve uma carta para seu amigo Galo sobre a morte de sua esposa, embora o objetivo da carta não seja consolar Galo, uma vez que um ano inteiro já havia se passado por causa da distância e da lentidão da correspondência.

Infelizmente, para Ovídio, a pouca frequência e o atraso da chegada da *fama* em Tomos não é seu único problema. Ainda pior, a qualidade da informação que ele recebe depende grandemente do caminho pelo qual a informação é transmitida:

i) Ovídio é apenas um receptor passivo das notícias e não pode verificá-las e confirmá-las. A quantidade e a qualidade da informação que ele recebe depende da habilidade de um marinheiro aleatório lembrar e entregar qualquer notícia que por acaso ele saiba. A *fama* é inteiramente dependente da memória do marinheiro (*memori voce*); ela está, portanto, sujeita a várias restrições.

ii) A natureza oral de *fama* (*vox x2, loqui*, 40f.) aumenta as dificuldades de Ovídio. O poeta exilado não recebe nada escrito de Roma, mas apenas rumores; não esqueçamos, *scripta manent, verba volant*. Para complicar mais as coisas, a *fama* que

²³ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

²⁴ Idem.

chega a Ovídio não é sempre em latim. Por vezes, ela vem de marinheiros falantes do grego e precisa ser traduzida para o latim, que não é exatamente algo de que Ovídio goste, e que, naturalmente, prejudica a precisão das informações. Inevitavelmente, algo sempre é perdido na tradução.

iii) A qualidade e a quantidade de *fama* que chega a Ovídio depende fortemente do marinheiro e das escolhas que ele faz no que diz respeito à informação que ele transmite. Tudo está sujeito ao que ele sabe, ao que ele considera importante e digno de ser transmitido, e a qual visão ele tem sobre os eventos que relata a Ovídio.

A comunicação problemática de Ovídio em Tomos contribui significativamente para a formação de seu retrato como um poeta exilado: ele está isolado, alienado de Roma e da vida da capital, mal informado, talvez até erroneamente informado, certamente tardiamente informado, muito longe do centro do mundo, lutando para coletar partes de notícias e boatos que ele não pode nem mesmo confirmar.

B) Nas asas da *Fama*

Contudo, apesar desta descrição realista da maneira como as notícias de Roma alcançam o poeta em Tomos, há também um alternativo, ainda que surreal, meio de comunicação. Na elegia *Pont.* 4.4, Ovídio está andando na praia de Tomos quando de repente ouve o som de asas atrás de si (11-18): *nam mihi cum fulva solus spatiarer harena, / visa est a tergo penna dedisse sonum. / Respicio nec erat corpus quod cernere possem, / verba tamen sunt haec aure recepta mea: / “En ego laetarum venio tibi nuntia rerum, / Fama per immensas aere lapsa vias: / consule Pompeio, quo non tibi carior alter, / candidus et felix proximus annus erit!”* [Pois enquanto eu passeava sozinho pela areia amarela, / pareceu que um som de asas ocorreu atrás de mim. / Olhei para trás e não havia sombra que pudesse divisar, / contudo, estas palavras foram acolhidas por meus ouvidos: / “Eis que eu venho a ti com notícias de coisas alegres, / a Fama tendo corrido por longos caminhos no ar: durante o consulado de Pompeu, em que nenhum outro é mais caro a ti, / o próximo ano será alegre e feliz!”]²⁵

Este é o primeiro e único momento em que nós realmente ouvimos *Fama* falar na poesia de exílio de Ovídio. Dotada de asas, personificada, porém invisível, *Fama* primeiro se apresenta e declara a razão de sua visita e o caminho que ela percorreu

²⁵ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

(voando pelos ares). Ela então anuncia a Ovídio o consulado de seu amigo, Sexto Pompeu. O poeta está sozinho na praia, no limite entre a terra e o mar; este é o espaço próprio para as notícias chegarem até ele, como em *Tr.* 3.12, em que o marinheiro lhe traz as notícias do resto do mundo. O verbo *visa est* mina a realidade desse encontro, que é construído como um sonho. Tudo isso de fato aconteceu ou foi apenas a imaginação de Ovídio?

Ovídio pode apenas ouvir o som das asas da *Fama*, ele não consegue vê-la [A ausência do corpo da *Fama* é remanescente de Eco na história de Narciso (*Ov. Met.* 3.339-510), e de Aura na história de Céfalo e Prócris (*Ov. Met.* 7.661-865)]. Na verdade, não apenas ele é incapaz de ver *Fama*, mas ele é também incapaz de ver as coisas que *Fama* lhe conta. Ovídio está fisicamente ausente de Roma e pode apenas imaginar as celebrações que lá acontecem. Esse é o bem estabelecido *topos* da “visão mental” frequente em sua poesia de exílio. Nas palavras de Philip Hardie, “Fama é visão perfeita... figura o poder das palavras do orador ou poeta em conjurar imagens vívidas e visuais, *enargeia*”. Nas palavras de Ovídio, em sua elegia ao triunfo de Tibério sobre a Germânia em 13 d.C., *fama* age como seus olhos (*Pont.* 3.4.19f.): *nos ea vix avidam vulgo captata per aurem / scripsimus, atque oculi fama fuere mei*. [Escrevi aquelas coisas que com dificuldade foram captadas por toda parte / por um ouvido ávido, e a fama foi os meus olhos.]²⁶ Ovídio alega que seu poema tem especial valor, porque foi escrito baseado em boatos, rumores e descrições de outrem (*Pont.* 3.4.15-28). Ele não viu nada com seus próprios olhos, apenas ouviu relatos de *fama*.

Na elegia *Pont.* 4.4, *Fama* é remanescente de sua versão virgiliana: ela é horripilante, inumana, sem corpo e dotada de asas; entretanto, ela não assusta Ovídio, porque ela está trazendo boas notícias de Roma. Além disso, como Hardie aponta, “para um poeta, conhecer *Fama* é conhecer uma duplicata aproximada de si mesmo, quer a *Fama* seja vista como fonte da poesia ou como a própria poesia em si, em seu poder de impressionar o público e de se propagar”. *Fama* é uma presença ausente, exatamente como Ovídio se retrata em sua poesia de exílio, e exatamente como *Fama* é retratada na descrição de Ovídio sobre a morada desta nas *Metamorfoses*.

Para concluir: *fama* continua a ser um tema primordial em pauta na poesia de exílio de Ovídio, seja como “fama literária”, ou como “reputação, bom nome”, ou “notícia, boato, rumor”. Por um lado, Ovídio continua a se orgulhar de suas conquistas

²⁶ Tradução de Ana Thereza B. Vieira.

poéticas e da *fama* que ele ganhou graças ao seu trabalho; ele declara que sua *fama* é eterna e que é independente de sua presença física. Por outro lado, ele possui certas reservas em relação à qualidade de sua poesia, que ele agora escreve apenas para buscar consolo em suas adversidades e não como um meio de receber glória. Ocasionalmente, ele fica consternado com a sua atual situação e teme que sua reputação tenha morrido com seu exílio. Ele também se preocupa com a frequência e a qualidade da informação que chega até ele em Tomos.

A visão multifacetada de Ovídio sobre *fama* é apenas natural, dadas as condições de sua vida e sua frágil situação psicológica em Tomos. *Fama* é crucial para ele, ainda mais agora que se encontra isolado em um ambiente inculto – pelo menos é assim que o poeta o descreve –, distante da capital cosmopolita. Para o poeta exilado, *fama* é o seu oxigênio, seja na forma de sua reputação literária, que ele espera que seja eterna, ou na forma de seu único meio de comunicação com Roma. O poeta está fisicamente ausente da capital, e ainda assim sua *fama* é onipresente.

Bibliografia

- CASALI, S. “*Quaerenti plura legendum*: On the necessity of ‘reading more’, IN: *Ovid’s Exile Poetry*”. *Ramus* 26 (1), 1997, pp. 80-112.
- CLAASSEN, J.-M. “Exile, Death and Immortality: Voices from the Grave”, IN: *Latomus* 55, 1996, pp. 571-590.
- _____. *Displaced Persons: the literature of exile: from Cicero to Boethius*. London: Duckworth, 1999.
- _____. *Ovid revisited. The poet in exile*. London: Duckworth, 2008.
- GAERTNER, J. F. *Ovid Epistulae ex Ponto, Book I*. Edited with Introduction, Translation, and Commentary. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- _____. (ed.) *Writing exile. The discourse of displacement in Greco-Roman antiquity and beyond*. Leiden & Boston: Brill, 2007.
- _____. “Ovid and the ‘poetics of exile’: how exilic is Ovid’s exile poetry?”. IN: _____ (ed.) *Writing exile. The discourse of displacement in Greco-Roman antiquity and beyond*. Leiden & Boston: Brill, 2007, pp. 155-72.
- GALASSO, L. “*Epistulae ex Ponto*”, IN: KNOX, P. E. (ed.). *A Companion to Ovid*. MA and Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, pp. 194-206.

HARDIE, P. *Rumour and Renown. Representations of Fama in Western Literature*. Cambridge, 2012.

HELZLE, M. “Ovid’s Poetics of Exile”, IN: *ICS* 13, 1988, pp. 73-83.

HINDS, S. E. “*Booking the Return Trip: Ovid and Tristia 1*”, IN: *PCPhS* 31, 1985, pp. 13-32.

LUCK, G. “Notes on the language and text of Ovid’s *Tristia*”., IN: *HSPh* 65, 1961, pp. 243-61.

Recebido em Maio de 2016
Aprovado em Maio de 2016

